

A ABELHA

SEMANARIO DE INSTRUCCÃO

SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO

ALBANO GOELMO || PUBLICA-SE AOS DOMINGOS || D. C. SOTTO MAYOR

A MUSICA EM PORTUGAL

ENSAIO HISTORICO

I

A natureza d'este nosso trabalho não nos obriga a entrar em minuciosas investigações sobre a origem e progressos da arte musical nos tempos antigos. Uma ideia rapida da historia d'esta divina arte bastará apenas como introducção ao que um pouco mais detalhadamente nos propomos escrever sobre o seu desenvolvimento em Portugal depois que este nosso paiz teve na Europa uma existencia politica independente.

A arte da musica, como todos sabem, funda-se sobre o exercicio de uma faculdade natural. O canto, no homem, é espontaneo como a falla. A primeira melodia brotou por tanto dos labios humanos no primeiro momento em que o homem, agitado por sentimentos ternos e apaixonados, quiz exprimir o estado da sua alma por meio de accentos mais energicos, e em uma linguagem superior á simplesmente fallada. Mais tarde vieram as regras, os principios reguladores do uso d'essa faculdade natural; e então creou-se a arte, para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da qual cada epocha tem contribuido por meio de successivas descobertas (1).

Todos os antigos povos conheceram, mais ou menos, a musica; e muitos d'elles a ligaram aos ritos e ceremonias religiosas, como fizeram os Hebreus, os Egyptios, os Indios e os Chinezes. Em Roma, como na Grecia, a arte musical foi muito cultivada; os Arabes aperfeiçoaram-na, transmittindo-a assim á Europa depois do grande cataclysmo que, ao desabar da civilização romana, quasi que extinguiu n'esta parte do mundo as sciencias e as artes.

No curso da idade-media vêmol-a desenvolver-se pela *notação*, e pela introducção do *rythmo* e do *compasso*. O órgão contribue muito para a invenção da *harmonia* (2), desconhecida dos antigos, cujos concertos, no dizer de Seneca, eram unisonos, não se empregando outras consonancias alem da *oitá*.

(1) A. Cap. *Hist. de la Musique*, na *Encyclop. des Connaissances utiles*.

(2) Para os que são profanos na divina arte diremos que se chama *harmonia* a successão dos accordes, e *melodia* a simples successão de notas ao gosto do compositor. A mão direita no piano executa a parte *melodica*, a esquerda a parte *harmonica*. O *rythmo* é a quantidade e valor dos sons, que constituem uma phrase musical.

va, e quando muito da *terceira*. Os cantos populares, misturando-se pouco a pouco ao canto ecclesiastico, dão origem á melodia moderna; inventa-se a *fuga* e o *contraponto*; multiplicam-se os instrumentos, e prepara-se assim o campo a novos aperfeiçoamentos, que elevam a arte ao grau de esplendor, a que tem attingido nos tempos modernos.

Dissemos acima que a musica se funda sobre o exercicio de uma faculdade natural —o canto. Por isso não admira que este exercicio se encontre mesmo entre os povos reputados barbaros. Um sentimento instructivo do homem deu ainda lugar á invenção dos instrumentos, especialmente dos de percussão. Segundo Diodoro e Lucrecio, o som produzido pelo ar passando atravez de um tubo qualquer—de uma canna, por exemplo—deu a primeira ideia dos instrumentos de vento. A Biblia nos informa de que Jubal, filho de Lamech, fôra o pai dos tocadores de *cythara* e de *orgão* (1). Depois do diluvio, e da dispersão dos povos pela superficie da terra, muitos d'estes perdem os vestigios da civilização primitiva, e cahem na barbaria; mas não se lhes oblitera o gosto instinctivo da musica.

Assim foi que, entre as raças celticas, que se estenderam até á nossa Peninsula, e por muitos seculos a habitaram, lá havia o *Bardo*, simultaneamente poeta e musico, acompanhando os seus cançoes com uma especie de lyra, chamada *rotta*, e exercendo tal influencia sobre a multidão, que muitas vezes bastava essa toada commovente para pacificar os exercitos já prestes ao combate (2).

Dos Celticos de Hespanha e em especial dos *Lusitanos*, affirma Estrabão que, nos seus festins bailavam ao som da flauta e da trombeta (3). E Silio Italico tambem nos dá noticia d'esta propensão musical nos *Callaicos*, povos que estanceavam ao norte do Douro, dizendo d'elles:

Rica mandou Callectia a juventude
Sagaz em fibras, vôo e chammas sacras,
Que ora em patria lingua canções barbaras

(1) Genesis, IV, 21.

(2) Diod. Sicul. liv. V, cap. 31—Cf. Thierry, *Hist. des Gaulois*, IV, Cap. 1

(3) Geogr. Livro III, Cap. III, n.º 7.

Uiva, ora açouta o chão com pés alternos,
E folga c'os escudos resonantes
Palmear a compasso (1).

Finalmente os Lusitanos, como ainda nos informa Diodoro Sículo (2), marchavam ao combate em passo cadenceado, ao som de uma musica guerreira, e soltavam o *péan* ou hymno marcial, ao começar a refrega.

O péan era inquestionavelmente o mesmo que o *bardito* dos Gaulezes e dos Germanos, com o qual nos diz Tacito, que estes ultimos incendiavam a coragem dos combatentes, e consoante a maneira de o entoar auguravam o successo da batalha. «*Terrent enim* (prosegue o grande historiador na sua phrase inimitavel) *trepidant et prout sonuit acies*» (3).

(Continúa)

D. M. S.

GRAVURA

Está sombrio o dia; o mar ondeado
Murmura o eterno canto em voz gigante;
Perpassa rijo o vento do Levante,
Entre os pobre casebres do povoado.

A companha sahio era sol nado;
Pouca gente ficou, mas a restante
Lança, da praia, o seu olhar distante,
Ao horisonte, ao mar, ao ceu nublado.

Um rancho de creanças seminuas,
Meio occulto na areia, entre as faluas,
Brinca e salta contente e descuidoso,

Em quanto, a uma gaivota qu'esvoaça,
A ver se apanha a apeteçida caça,
De longe, em furia, ladra um cão raivoso.

1875.

Alfredo Campos.

LUISINHA

A Luizinha era uma gentil feiticeira de 15 annos, que vivia uma vida alegre e innocente, fazendo o enlevo de seu pae, um velho major reformado, e de sua mae, uma santa velha, que só tinha de critico a sua presumpção de fidalga. De resto, era uma santa gente, e a Luizita um botão de rosa, que ia á noite para o jardim receber o beijo das brisas e a declaração d'amor de um rouxinol que cantava n'um choupal proximo.

Tinha sua propensão para litterata a gentil

(1) Segunda guerra punica, Canto III, versão de Filinto Elysió.

(2) Diod. Sicul. liv. V, cap. 34.

(3) Germania, III.—Tacito acrescenta ainda que o *bardito* era menos uma sequencia de palavras, do que o accordo de sons guerreiros, que elles tornavam mais rudes e rumorosos apertando os escudos contra os labios.

fada. Ao pôr do sol, sentava-se sob um caramanchão do jardim, e exercitava-se a improvisar uns versinhos, que só mostrava, muito em segredo, ao velho capellão. Altas horas da noite ainda a pequena estava sentada á sua mesinha, a ler romances, a escrever pedacitos de prosa, que lia e relia soffregamente. E n'isto passava o melhor do seu tempo, bem pouco a contento de seus paes, que antes lhe queriam ver uma roca ou uma agulha na mão.

×

Um dia, a petisita cuidava das suas flores favoritas, quando sua mãe lhe entrou no perfumado quarto. Deparou-se-lhe sobre a meza uma folha de papel de carta, quasi toda escripta de um lado.

Leu, e um *ah!* prolongadissimo escapou-se-lhe do seio previdente de mãe. Tremula, com o coração apunhalado e as faces tinctas de mil cores, correu ao encontro do marido.

—Vês isto?—gritou-lhe fóra de si.

—Vejo, mas que tem?

—Mas vês isto?—insistiu a fidalga.

—Sim, mas que é isso?

—E' o documento da deshonra de tua filha!

Ah!...

E caiu theatralmente n'uma cadeira de braços.

O velho major correu para sua esposa.

—Que! Tu enlouqueceste, mulher? A deshonra de minha filha! que disparate é esse?

—Lê.

E estendeu-lhe tragicamente a mão, que tremia segurando a compromettedora folha de papel.

O major montou os 'oculos no nariz e leu, ao mesmo tempo que a voz se lhe comprimia na garganta, e os olhos se lhe prolongavam para fóra das orbitas:

«Ah! como eu te amo! Quando estou contigo sou tão feliz que nem sinto que vivo no mundo. Tal é o paraíso dos teus encantos! Tal é a fascinação do teu olhar meigo e feiticeiro!

«Nunca me deixarás, não? Se me deixasses morreria de saudades! Oh! não me deixarás nunca, porque tu és bom e seductor. Não me fugirás, não? Olha, no meu quarto estou eu só e ninguem te verá. Escondido como estás só eu te terei sempre na minha imaginação, quando distante, e nos meus braços, quando contigo.

«Oh! como tu me dás prazer n'estas interminaveis noites de inverno! Oh! como eu sou feliz contigo! Nunca me deixarás, não?.....»

—Ah! desgraçada!—trovejou o major.

—Prostituida, meu Deus! prostituida a minha filha! manchados os meus pergaminhos!—lastimava a mãe da Luisita.

E chorava, chorava, n'uma desesperação atroz.

—Os teus pergaminhos serão limpos, socaga. Hei-de purificar-os do ferrete da deshonra. Verás! A minha espada, que eu nunca tive occasião de experimentar, vae agora tingir-se de sangue se o infame não fizer uma reparação formal. Espera, mulher; a minha espada virgema de desafrontar a nossa honra. Ah! que ella

trema, ella, a infame, e o tratante do seu amante!

×

A' noite, todos os creados estavam dispostos pelos corredores e em volta da porta do quarto da Luisita, que se recolhera admirada e contristada da cara severa que seus paes lhe apresentavam.

N'uma hora combinada, a porta do quarto da seductora poetisa estalou aos impulsos dos musculosos hombros da creadagem.

O major desembainhou a sua espada, e avançou seguido de sua esposa, que chorava, e dos creados, que vinham munidos de espingardas, machados e cacetes.

—Sentido!—gritou o major entrando no quarto.—Que se não safe o farçante! Ha de reparar a deshonra de uma familia!

A Luisita deu um gritinho agudo e exclamou ajoelhado:

—Misericordia! Não m'o leve, meu pae! Veja; é tão lindo, tem um olhar tão seductor... Amo-o tanto... E' da visinha, mas eu quero-o para mim.

E apresentava-lhe um gatinho todo aceiado com fitas ao pescoço e um laço de seda preso á cauda, que elle agitava brandamente, ao mesmo tempo que gemia com a donzella—*miáu, miáu...*

×

O major enfiou a espada, que ficou virgem como até ali. Depois soltou uma gargalhada e beijou a Luisita nas faces.

—Tua mãe sempre é uma pateta...

—E tu?—disse a censurada.

—Eu não.

Todos riram muito ao saber que a prosa amorosa da Luisinha era dirigida a um gatinho gentil, que a travessa roubara á visinha, e que enfeitava todas as noites com os vestidos da boneca.

Braga.

Albano Coelho.

AS FEIAS

Tenho pena de vós, oh desherdadas
Da Natureza, mãe, bella e fecunda.
Tenho pena de vós, desventuradas,
Que nem um raio de belleza inunda.

Vêdes em torno (rindo) as mais creanças
Abrindo o seio a vividas chimeras,
E vós choraes perdidas esperanças
—Flores que não tivestes primaveras.

Quem, ao passar, o vosso rosto fita,
Os olhos volve logo de enfadado...
E fundo golpe o vosso peito excita
Como um fino pinhal envenenado!

Nem sorrisos vos dão labios amantes.
Uma phrase d'amor, uma saudade;
Só torturas crueis, dilacerantes
Na vossa escura e triste mocidade.

Tendes no peito o affecto immenso e puro,
Mil encantos, talvez, á vista occultos...
E, olhando além, que vedes no futuro?
Do Abandono e da Magoa os negros vultos.

Que mal fizestes vós oh desditosas
Ao Deus que assim vos nega a formosura?
Por ventura não sois irmãs das rozas?
Por que vos nega o aroma, o viço, a alvura?..

E' fado, é sina, oh tristes desherdadas!
Chorai, chorai perdidas esperanças.
Que vos esconda as faces desmaiadas
O negro manto das formosas tranças.

Braga, 85.

Vicente Novaes.

PROBLEMA

Ha uma questão, em que eu
encontro muitos escolhos:
—se os olhos são côr do ceu,
se o ceu é côr dos seus olhos!

Tadim—1885.

Carlos Braga.

PENSAMENTOS

A MORTE do crente é a vida: a vida do descrente é a morte.

*

A virtude tem perfume que agrada, suavidade que deleita, poesia que encanta e harmonias que arrebatam, porque é filha do céu.

Braga, 85.

Arthur Barreira.

O QUE EU TE DARIA

(A M***)

Tu vês nos ceus asulados
Fulgir milhares de estrellas,
—Diamantes êngastados
Em rendas setineas, bellas?

Vês nos prados verdejantes,
Prenhes de aromas subtis,
Mil florinhas palpitantes
A sorrirem-nos, gentis?

Sentes a doce harmonia
Dos harpejos da ramagem,
—Encantada symphonia
Dedilhada pela aragem?

Pois bem: tudo te daria
Se eu omnipotente fôra:
Tê dos ceus a symphonia,
Te os canticos da aurora.

As estrellas, arrancara-as
Do azul fino dos ceus,
E fôra logo engastal-as
Nos bellos cabellos teus.

As florinhas—esmeraldas
Em arminhos de verdura,
Collocara-as em grinaldas
Sobre a tua fronte pura.

E à aragem vespertina
Eu mandára oh minha flor,
Embalar—muito em surdina
Teus lédos sonhos de amor.

Tudo, tudo te daria
Se eu omnipotente fôra:
Tê dos ceus a symphonia,
Tê os canticos da aurora.

Braga, 85.

Albano Coelho.

CURIOSIDADES

No nosso escriptorio deu entrada um exemplar devolvido da *Abelha*, em cuja capa se lia:
«Não Acito p.º q Não Poço, Nem tinha tempo de Ler gorães.»
Era mais plausivel que o typo dissesse que não sabia ler. Isso era!

CALINADAS

ENTRE estudantes de latim:
—Ha seis casos na declinação latina.
—E quantos obitos? pergunta um, com a imaginação perturbada pelo temor do cholera.

Na Arcada:

Um espirituoso a uma velhota que guia uma jumenta:

—Boa tarde, tia das bestas.

—Deus lhe dê as mesmas, meu sobrinho.

Em viagem:

Uma dama ingleza:

—Em minha terra, quando um homem fita uma menina, ella responde-lhe logo com receio de que lhe offereça um gelado: «Oh! mi preferir vinho do Porto».

Uma dama bracarense:

—Pois na minha, quando um homem fita uma menina, esta diz-lhe logo com receio de que elle mude de ideias: «Por amor de Deus, senhor, dirija-se ao papá»... X

Na rua dos Chãos:

—Tem a bondade de indicar-me uma estalagem onde possa ceiar e dormir por 500 reis?

—Ora essa! A estalagem da Luzia, por exemplo...

—Muitissimo obrigado. E agora faz o favor de me dizer onde poderei arranjar os cinco tostões?

CHARADAS

I

Por um triz que não sou papa—1
E ás vezes precedo o rei—1
Dou sciencia a muita gente,
Mas eu, por mim, nada sei.

II

Com um—s—no Egypto me adoraram—2
Synonymo de irmão e até de amigo—2
Da forte Lusitania as bravas hostes
A' guerra eu conduzi no tempo antigo.

Decifração da charada do numero antecedente:—O-limpo.

Ao nosso distinctissimo collaborador o excm.º sr. Sebastião Pereira da Cunha, pelo auspicio enlace de sua gentil irmã, bem como a seu illustre pae e nozao mestre, o excm.º sr. Antonio Pereira da Cunha

A ABELHA

Palmeira

EXPEDIENTE

Este jornal está habilitado na forma da lei.

—A alguns cavalheiros nossos amigos, a quem enviamos o nosso jornal, pedimos o obsequio de o devolverem, caso o não queiram assignar.

—Por incompleta ainda, não damos hoje a lista dos nossos collaboradores.

—A alguns nossos amigos que ainda têm prospectos em seu poder, rogamos-lhes o favor de nol-os enviar.

A administração da «Abelha» é na rua Nova de Sousa, 4—Braga.

Assignatura: Em Braga, por mez, 120 reis; Provincias: anno, 1,300 reis; semestre, 700; trimestre, 400 reis. Avu'so, 50 reis.